

O TAMBOR-MOR DOS PEQUENINOS



RAFAEL BORDALLO PINHEIRO

O *Sétebelindêques* da politica, depois de apanhar bordoada de moio do seu amigo Marianno, conservando-se sempre de pé, na sua qualidade de boneco de sabugo, apanhou agora um piparote do mesmo sujeito, que o atirou para a direcção da alfandega.
 Quem dá o ensino, dá o pãozinho...

CHRONICA

Segundo vemos ha dias em varias folhas noticiosas, o sr. ministro da fazenda acaba de se fundir em sociedade politico-litteraria com o sr. Olympio da Silva.

Foram muito bem fundidos.

Assim irmanados, constituem *ss. ex.* (ora apanhe, sr. Olympio) como que uma especie de caixa de socorros mutuos, defendendo-se reciprocamente contra os ataques dos adversarios.

Esta fusão, ou—talvez melhor—esta confusão Olympico-Marianna, teve começo n'uma longa historia que nos dispensamos de repetir á gentil leitora, para que os seus boccejos nos não facultem ensejo de contarmos os dentes postiços que ornamentam a sua formosa bocca.

Basta que se saiba que o pomo da discordia—que deu a concordia Marianno-Olympio—teve começo na nomeação d'um Oliveira para um logar publico qualquer.

Ora vejam como as coisas estão mudadas, só por uma simples questão de sexo!

Antigamente a *Oliveira* era o symbolo de paz e união, tão ardentemente desejadas como paternalmente aconselhadas a todos os portuguezes pelo immortal barão de Catanca.

Hoje o *Oliveira* serve apenas para a união Olympico-Marianna, tendo antes provocado uma guerra em que o ministro da fazenda daria a borda, se Olympio heroico lhe não acode a tempo e horas, com a sua penna de lança invencivel e a sua palavra de Olympio auctorisada.

E, afinal, tudo porquê?

Porque Oliveira, que andava de candeias ás avessas com Marianno, manteve as tradições do seu nome, firmando paz amiga, e entrou depois para o nicho publico, ainda nos limites de *Oliveira*, isto é, *fazendo azeite* e empurrando os que estavam adiante...

Que outra versão corre, tendente a explicar a fusão Olympico-Marianna.

Diz-se que o ministro da fazenda, não obstante o seu ar despretencioso e a despeito do seu cigarro brejeiro, é um sujeito ainda mais invejoso de que o peultimo peccado mortal em carne e osso!

Tudo quanto o sr. Fontes teve, elle quer igualmente possuir, e, sobrelevando ainda o grande homem, mais correcto e mais augmentado.

Assim, por exemplo, o sr. Fontes teve um governador substituto, que era o dr. Marinho da Cruz.

Vae d'ahi o ministro da fazenda quiz tambem possuir aquillo mesmo, mas mais perfeito, mais completo.

E fez governador civil substituto o dr. Martinho da Cruz Tenreiro.

Como vêem, *Martinho da Cruz* é exactamente o

mesmo que *Marinho da Cruz* e com a vantagem de ter mais um T.

O sr. Fontes foi sempre considerado como Jove em pessoa, e, n'estas circumstancias, claro está que tinha o seu Olympo.

O ministro da fazenda quiz tambem botar *Olympo* e assim se associou ao *Olympio*—que é a mesma coisa, com mais um Y...

N'estas alturas, falta apenas que o ministro ponha na cabeça a popular *cartola* de Olympio, devidamente recortada em corôa de bicos.

Corôa de espinhos já elle teve na questão Oliveira, apesar da *oliveira* não ser pomar de *espinho*, sendo antes, como averiguado está, de pomar de *caroço*...

Marianno e Olympio, havendo-se unido sem contracto nupcial, ficam por esta fórma, segundo a lei do reino, na mais estreita communhão de bens.

Olympio nada tem, além da sua virtude e da sua formosura,—porque elle é, como as costureiras dos dramalhóes antigos: «pobre mas honesta.»

Assim, dará apenas a Marianno 50 0/0 do lyrio da sua castidade olympica...

Marianno, porém, um brasileiro rico, dá a Olympio metade da penna de jornalista e metade das penas do chapéu armado.

E, assim successivamente, dividirá com elle em partes iguaes, a pasta, a carta de conselho, o coupé da companhia, o correio a cavallo, a palhinha no logar dos conselhos da corôa, tudo emfim, de que é senhor e possuidor e que orça a muito mais de que o leitor está fazendo ideia...

Que disfructem uma perennal lua de mel e que tenham muitos filhos, é o que sinceramente lhes desejamos...

E ainda ha quem trabalhe para ser ministro!

Pois não conhecemos nada de mais incommodo, de mais aborrecido, de mais impertinente.

O pobre ministro não póde dar um espirro, ter uma febrita, gosar oito dias de perninha na cama entre os afagos da familia, a canja de gallinha e com os rendimentos augmentados pelo subsidio do monte-pio!

Assim que o homem adocece, ahí saltam os adversarios a agravar-lhe a macacôa, fazendo nos jornaes te-nebrosos commentarios do seu estado de saude; ao passo que os amigos, promovendo-lhe os mesmos effeitos por causas diametralmente oppostas, o obrigam a saltar da cama, ainda com os sinapismos na barriga das pernas e a cataplasma de linhaça na barriga d'elle, para que possam vir contar nas folhas que o ministro está são como um pêro e que vende saude por um preço tão baixo como se estivesse a fazer liquidação para balanço do estabelecimento!

E' o que tem acontecido com o pobre sr. José Luciano de Castro.

Lendo as noticias dos varios periodicos, fica uma pessoa em duvida sobre se s. ex.^a está em casa com os pés para a cova ou se anda a fazer pé de dança pelos *salcifrés* particulares.

Os jornaes da opposição referem que o ministro está muito mal, coberto de bichas, carregado de sinapismos, que não dá palavra, que não recebe ninguem — uma desgraça, enfim!

As folhas do governo affirmam pelo contrario que s. ex.^a gasta mostarda ás latas mas é com as talhadas de *roast-beef*, que salta como uma bicha, que falla pelos cotovellos, que recebe tudo — incluindo os seus vencimentos de ministro — que pula, que dança, que dá cambalhotas, que anda de velocipede — um pagode, em resumo!



Uma folha progressista não nega que o sr. José Luciano tivesse uma leve indisposição, mas acrescenta que «a convalescência se adianta rapidamente com o auxilio d'um vigoroso appetite.»

Emquanto durar a convalescência do sr. presidente do conselho, o sr. ministro da fazenda que se cohiba de lhe passar ao alcance do dente...

O sr. Marianno quiz *comel-o* na questão das eleições, não vá agora o sr. José Luciano applicar-lhe a pena de Talião, comendo pessoalmente o sr. ministro da fazenda.

Se o comer com batatas, aproveite a *batata* do seu collega da justiça, que fica com o estomago conchegado para mais de vinte e quatro horas.

PAN-TARANTULA.

ALCUNHAS

Uma alcunha assenta sempre
Na cara, como um tabefe,
A quem vac servir de chefe
Junto ao governo civil.

Barão do Pote das Almas
O Arrobas ficou perfeito;
Peitilho chamou-se o Peito,
E agora, o Tenreiro, *O'Kill*.

De tanta alcunha diversa
Que a tal logar se incorpora,
Nenhuma, como esta agora,
Tão boa — por vida minha! —
Pois que o Tenreiro é *ventriquo*,
E' lá de dentro que falla,
E, se conversa na sala,
Ouve-se a voz da cosinha!

Todos lhe chamam *O'Kill*,
—Co' o que eu deveras engraço—
Dão-lhe esse nome no paço,
Na rua, em casa, na tasca;
E o desditoso Martinho,
Que é successor do de Arroios,
Pelludo, como os saloios,
Vac começando a dar casca!

Tal como Arrobas em tempo
Prohibiu a marselheza,
Tambem *O'Kill* com certeza,
Ordem formal botará,
P'ra que ninguem, n'estes reinos,
Em tom mais alto ou brandiloco,
Possa cantar em ventriquo
O—*Nicolá... Nicolá...*

PAN-TARANTULA.



ESPECTACULOS

A companhia Diaz abriu ha já dias o passatempo de todas as noites de inverno.

Só ha poucas noites podemos ver a companhia Diaz, porque, com esta mania de se abrirem todos os theatros ao mesmo tempo, só se uina pessoa estoirasse como uma granada atirando um estilhaço para cada *fautueill*, poderia dar conta simultanea do que se passa em cada casa de espectaculos.

A companhia apresenta bastantes variedades, que o publico das cadeiras applaude com toda a diplomacia de quem tem um par de luvas a estragar, e que o publico da geral acclama com todo o entusiasmo de quem tem uma duzia de calos a esmaltar-lhe as mãos.

Entre os personagens mais vivamente applaudidos da companhia, notámos sr.^a *Perina*, que se dedica aos exercicios de força dental.

Tem uns dentes tão bons, tão bons... que até parecem postiços!

Na noite em que tivemos o gosto de vér aquella artista, os applausos que cobriam a sr.^a *Perina* durante os exercicios dentaes foram de tal ordem que nós chegámos a persuadir-nos de que o publico que assistia ao espectáculo era exclusivamente de dentistas!

Afinal convencemo-nos de que não era tal.

O publico chamou a artista dos exercicios dentaes algumas dez ou doze vezes, mas não era para lhe vér os dentes...

Era para lhe vér as pernas!

Que numero fabuloso attingiriam as chamadas, se os exercicios não fossem dentaes?

D. Maria, depois de nos dar um começo de época nova todo feito de peças velhas, acabou enfim por apresentar o Principe Zilah, um titulo de magica em 27 quadros, para quem se limita a ler o cartaz, mas um bom drama em 5 actos para quem se permite a extravagância de assistir ao espectáculo.

O *Principe Zilah*, sem ser uma d'aquellas peças

D. BAZILIO
AREA DA CALUMNIA



Este diz que é aquelle, aquelle diz que é este... O leitor que se dê ao trabalho de o achar, que é um passatempo apropriado para as noites de inverno, parecido com aquelle onde está o gato...

que criam no theatro nome igual ao que o sr. Fontes tem criado em Pedreiro e suas redondezas, é comtudo um drama digno de ver-se.

A empresa de *D. Maria* mostrou-se d'uma largueza sem precedentes pondo o *Principe Zilah* em scena, visto como aquella peça, alem das despesas em que emportaria outro qualquer drama, acarreta ainda os ordenados pagos a dois enormes caes filhos do monte de S. Bernardo e tutelados do Jardim Zoologico.



Cada um d'aquelles caes custa á empresa, por noite, o mesmo que um chefe de repartição com carta de conselho custa por dia ao cofre da fazenda: 40000 réis!

Isto fóra os emolumentos de especiones, meios kilos de vacca, e outros diversos acepipes com que os referidos caes se lambem todas as noites.

No nosso humilde entender, a sociedade protectora dos animaes devia promover a representação de peças que mettam bichos, como o *Principe Zilah* e abonar até um subsidio aos theatros que as pozessem em scena.

Porque a verdade é que os caes do Jardim Zoologico, depois que entram no *Principe Zilah*, andam anafados e lusidios que é um gosto passar-lhes a mão por cima do lombo!

Os mais bichos do Jardim, quando vêm o caes partir para o theatro, ficam-se mordendo de inveja como se os vissem ir para a meza do almoço!

E para mais ajuda, a empresa tem dois empregados encarregados de fingir o ladrar dos caes!

De forma que os caes vencem ordenado pingue, tiram o ventre de miserias e ainda por cima aprendem a ladrar, que é coisa que não sabiam!

Decididamente, é melhor ser cão de que ministro de estado.

O RESTAURANT TAVARES

Junto do Silva barbeiro,
Do Loreto muito perto,
Poz Vicente um verdadeiro
Ceú aberto!

Tem ido lá gente a esmo
E ao provar qualquer piteu
Todos dizem ser o mesmo
Que ir ao ceú!

P'ra ser um ceú genuino,
Quer no trato, quer no arranjo.
Só falta que o Bernardino
Vista d'anjo!



CASOS, TYPOS E COSTUMES

AS BARBAS

Diogo Arnaldo da Ermida
Souza Albuquerque e Bulhões
Uza barba tão crescida
Que chega quasi aos tacões!



De manhã, se a barba agoita,
Leva a fazel-a uma hora;
E á noite, quando se deita,
Fica-lhe a barba de fóra.



Nas botas, junto aos artelhos,
Toda a barba so embaraça,
D'uma vez que, de joelhos,
Quiz ir aos Passos da Graça!



Sujeito a mil distracções,
D'outra vez, indo p'ra o Centro,
Quando apertava os calções,
Ficou-lhe a barba lá dentro!



Raptára um dia uma bella;
Tudo em busca-a se abarba,
Até que enfim dão com ella:
— 'stava escondida na barba!



Se a chuva atroz o atanaza,
No tempo em que mais inverna
E elle espreme a barba em caza,
Transforma a caza em cisterna!



Quando o vento encrespa o mar
Anda-lhe a barba en bolandas
E ás vezes vae-se agarrar
Entre as grades das varandas!



Em comida, o pobre moço,
Gasta sempre um despropósito,
Pois mais d'um terço do almoço
Na barba fica em deposito!



Quanta senhora garrida
Não prendeu, pelos botões,
Diogo Arnaldo da Ermida
Souza Albuquerque e Bulhões!...

(Conclue no proximo numero).

PAN-TARANTULA.



S. CARLOS

O soprano e a lua do *Fausto* são os mesmos da *Dinorah*.

A lua foi expressamente mandada vir de Inglaterra, e, achando-se em paiz estrangeiro, sem perceber nada da nossa lingua, anda por ali ás aranhas, atraz dos cantores sem saber onde se ponha.

Nasce do chão, como, se em vez de lua, fosse uma couve gallega, e não tem brilho que se compare com a lua da epocha passada.

E' uma verdadeira *Lua de Londres*:

Traz perdida a cor de prata,
Nas aguas não se retrata,
Não beija no campo a flor,
Não traz cortejo de estrellas,
Não falla de amor ás bellas,
Não falla aos homens de amor!

O pobre Motta electrico, que tinha uma lú nacional em vantajosas condições, não teve remedio senão ficar com ella em casa para mechas, isto é, para substituir o candieiro de petroleo!

Quanto ao soprano, tem umas mãos que fazem roer as unhas de inveja ao sr. ministro dos estrangeiros.

Se tivesse arte como tem mãos, não nos chegavam mãos para lhe applaudir a voz.



De resto, todos os artistas promettem muito... de futuro.

É o que verdadeiramente se chama uma companhia... de esperanças...